
PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Regina Zilberman e Zilá Bernd (Orgs.)
**O VIAJANTE TRANSCULTURAL: leituras da obra de
 Moacyr Scliar**
Literatura Brasileira/Grandes Autores, n.º 1
 2004, 224p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 3320.3523

Ironia e interdiscurso

Cristina Lopes Perna
 PUCRS

1 Ironia em perspectiva semântico-pragmática

As abordagens semânticas tradicionais vêem a ironia como um fenômeno no qual se diz algo literalmente e se objetiva um sentido figurado oposto do que foi dito. Assim sendo, um comentário irônico do tipo *Que lindo dia!*, enunciado durante um temporal, teria o sentido figurado de *Que dia horrível!* Entretanto, as abordagens semânticas tradicionais não definem o que é sentido figurado, não oferecem nenhum mecanismo para que se derive o sentido figurado de uma sentença e, por fim, não oferecem fundamentos para explicar porque enunciados figurados existem (Sperber e Wilson, 1981).

A abordagem pragmática de Grice (1975, 1978) apresenta-se como uma solução para as lacunas da abordagem clássica. Grice sugere que se analise a noção de sentido figurado a partir de sua categoria de *implicatura conversacional*. Para o autor os enunciados irônicos na verdade implicam o oposto do que literalmente significam ao invés de figurativamente significar. Sendo assim, o enunciado *Que lindo dia* não teria nenhum sentido figurado e sim conversionalmente implicaria que o dia estava horrível. A proposta de Grice inicialmente isenta a teoria semântica de definir sentido figurado e de derivar o sentido figurado de um enunciado, não obstante ainda fica devendo a explicação de como a interpretação de enunciados irônicos pode ser efetivamente integrada na abordagem pragmática.

A abordagem de Grice baseia-se na mesma visão tradicional de ironia, ou seja, na de que o enunciador, ao produzir um enunciado irônico, tem a intenção de significar o oposto do que foi literalmente dito. Na verdade, a única diferença entre a abordagem de Grice e a abordagem semântica tradicional diz respeito aos meca-

nismos envolvidos: no caso do primeiro, mecanismos pragmáticos e do segundo, semânticos. Sua proposta falha em explicar porque alguém preferiria utilizar um enunciado irônico em detrimento de sua forma literal e transparente. Além disso, também falha em explicar como a transposição de sentido literal para implicatura conversacional é feita no caso da ironia (Sperber e Wilson, 1981).

É bem possível que um falante queira, por vezes, transmitir algo além do sentido literal de seu enunciado. Quando este falante deseja transmitir algo além de um dos sentidos literais, a noção de implicatura conversacional é relevante. No entanto, no caso de linguagem figurada, o falante normalmente tem a intenção de transmitir algo diferente de um dos sentidos literais de seu enunciado: a implicatura teria de ser vista como algo que substituiria o sentido literal. Esta idéia de que uma implicatura poderia na verdade contradizer o sentido literal de um enunciado – como ocorre no caso da ironia – vai contra o argumento central de Grice de que as implicaturas agem como premissas em um argumento que busca evidenciar que o falante observou as máximas da conversação ao enunciar algo. Na verdade, a interpretação de enunciados irônicos não poder ser reduzida à busca por implicaturas conversacionais sem que se distorça a noção de implicatura propriamente dita. Sendo assim, a tentativa de Grice em integrar as interpretações figurativas na teoria pragmática não procede.

A tensão existente entre o sentido literal e o figurado também é levantada por Brait (1996). A posição da autora com relação à complexidade em definir e entender a natureza destes dois pólos é a mesma de Sperber & Wilson (1981). Porém, assim como Grice (1975, 1978) a autora acredita que estes dois pólos estejam diretamente ligados à idéia de ironia como o discurso que pretende “significar o contrário do que é dito literalmente ou explicitamente e que, nessa perspectiva, está ligada à definição de ironia como antífrase” (1996, p. 73).

Um outro autor que nos permite uma reflexão sobre o literal e o figurado, bem como sobre alguns aspectos ligados à ironia é John R. Searle (1976). O autor questiona a postura de filósofos e lingüistas que dizem ser possível conceber para toda frase um sentido literal, independente de qualquer contexto. Contrário a esta postura o autor afirma que é impossível determinar um contexto nulo ou zero para interpretar a maioria das frases e que, graças a nossa competência semântica, nós só compreendemos a significação dessas frases se levarmos em consideração um conjunto de elementos previamente assumidos concernentes ao contexto, no qual as frases podem ser enunciadas de maneira apropriada.

Mesmo argumentando em favor da relatividade do sentido literal, Searle aceita, ou pelo menos não desmente, a existência de um sentido literal para as frases, uma vez que reconhece que esta relatividade em nada altera a distinção que é feita entre o sentido literal de uma frase e o sentido metafórico ou irônico de uma enunciação.

Conforme a posição de Sperber e Wilson (1981) citada anteriormente, também Brait (1996) considera rudimentar e provisório fundamentar os estudos sobre ironia na tensão entre o sentido literal e o sentido figurado da linguagem. A autora afirma que “... por um lado, se há num certo sentido a rejeição dessa marca como única forma de construção da ironia e, principalmente, de uma ironia visualizada somente da perspectiva frasal, por outro esse princípio é tomado como sendo o centro em torno do qual gira a reflexão sobre o discurso literário irônico” (Brait, 1996, p. 83).

Da mesma forma que outros estudiosos desse fenômeno, Berrendonner (1981) toma como ponto de partida a clássica definição de que a ironia é “a figura pela qual se faz entender o contrário do que se diz”. O autor fundamenta os elementos de sua análise nos fenômenos literal-figurado-antífrase, na perspectiva da argumentação e necessariamente, no ponto de vista da enunciação. Segundo o autor, o problema de se definir a ironia como uma contradição levanta dois problemas: um diz respeito ao fato de que essa caracterização leva a uma indiferenciação entre os vários níveis de significação implicados – o contextual, o explícito e o implícito – que ficam confundidos; o segundo reside no fato de que a definição clássica da ironia é insuficiente como tal.

Ao entender a ironia como um procedimento que coloca o valor contrário a um valor argumentativo dado, o impasse colocado por Berrendonner é justamente o fato de que o mesmo enunciado pode ter muitos contrários, fato este que aponta mais uma vez para a fragilidade da definição clássica de ironia. Segundo o autor, por essa razão é possível aceitar essa definição desde que se entenda por contrário o valor argumentativo inverso. Com base nesse argumento, o aspecto que merece atenção é justamente o reconhecimento dos mecanismos sistemáticos que possibilitam a um enunciado receber ambigualmente dois valores argumentativos contrários.

Nesse sentido, um dos mecanismos mais significativos pode ser considerado ao se observar a ironia como fato de metacomunicação, segundo a proposta de Berrendonner, que toma por base os estudos de Sperber e Wilson (1981) citados anteriormente. Para Sperber e Wilson, a ironia deve ser analisada a partir de um aspecto básico, o da distinção entre uso e menção.

Como já vimos, os autores aqui mencionados observaram que o estudo da ironia exige que se reconheça que o processo se dá no nível da enunciação, aspecto que tem conseqüências marcantes sobre a concepção da natureza da ironia, bem como sobre as possibilidades de sua descrição. A proposta de Sperber e Wilson (1981) explicita o duplo nível de enunciação, isto é, no momento da produção de um discurso irônico o que se tem é uma enunciação (E¹) a propósito de uma outra enunciação (E⁰), anterior ou explícita que se tenta desconsiderar. É baseando-se nessa perspectiva que a enunciação irônica se coloca dentro de uma tipologia do discurso reportado: ela (E¹) enuncia um conteúdo que remete a uma outra enunciação (E⁰), instaurada como primeira e passível de problematização.

Qualquer que seja a dimensão da ironia – frasal ou textual –, desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador. É fácil perceber portanto no fenômeno da ironia a existência de polifonia, uma vez que se não houvesse uma outra voz objeto da “mofa” nos seria impossível sermos irônicos.

2 A ironia em perspectiva da análise do discurso

A influência das idéias de Bakhtin (1981) no abandono das concepções de língua como um sistema à parte e do sujeito, como emissor independente de mensagens intencionais não constitui novidade. Para Bakhtin, a língua só existe na interação, reconhecida não apenas no diálogo face a face, mas também na própria linearidade da fala de um locutor, em que se inscrevem, sempre, os *outros* do passado e, em conseqüência, os *outros* do futuro. Especialmente interessado nas formas e gêneros literários, conforme aponta Authier-Revuz (1982), Bakhtin estende sua análise para todas as formas de linguagem, incursionando pelas questões de sentido, em formulações que fazem lembrar a noção de formações discursivas. Procurando retomar os diferentes termos utilizados por Bakhtin que remetem à questão do dialogismo, Authier-Revuz busca reuni-los sob a idéia que lhe parece primordial, qual seja a do *outro* constitutivo da *minha* palavra, não o *outro* receptor – mais ou menos competente, não o *outro* que me responderá, finda a minha intervenção, mas o *outro* que já está – como imagem – na origem de minha própria enunciação.

A idéia de heterogeneidade do discurso que foi estudada detalhadamente por Authier-Revuz sob a inspiração de Benveniste, Bakhtin e Lacan, é dimensionada como heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Segundo Brait (1996) as formas de convocação do já-dito em Authier-Revuz “... funcionam como marcas observáveis de heterogeneidade que, manifestando-se sobre o fio do discurso, produzem rupturas e fornecem não apenas a dimensão de outros discursos, de exteriores que se intrometem no interior discursivo, mas também informações sobre o sujeito, sobre o enunciador” (1996: 108).

Conforme Authier-Revuz (1991, p. 32):

[...] a primeira [heterogeneidade mostrada] incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda [heterogeneidade constitutiva] aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva.

Inspirada no dialogismo Bakhtiano, Authier-Revuz denomina essas formas de metaenunciativas, reflexivas e opacificantes, para explicar o desdobramento do dizer, que revelam a auto-recepção, o questionamento da transparência e o reencontro com o próprio dizer. Como modalidade enunciativa, esse conjunto de formas cuja característica básica é o acúmulo de uso e menção (pensamento este também compartilhado por Sperber e Wilson, 1981), pode aparecer via sinais gráficos ou entoativos, incisivos, comentários, etc., evidenciando a ruptura que tende a ser suturada o tempo todo a fim de dar unidade ao discurso.

É possível dimensionar as concepções de Authier-Revuz sobre as formas de não-coincidência do discurso com o objetivo específico de circunscrever sua ativa participação nas especificidades do processo irônico centrado no interdiscurso.

3 A ironia como interdiscurso

Considerando-se a ironia como forma interdiscursiva, como interdiscurso cujo sentido necessariamente advém de um imbricamento contraditório que conta com a convivência e com a memória do enunciatário para se realizar como tal, os diferentes mecanismos de produção estão sendo considerados como diferentes formas de citação, como estratégia de combinações de vozes. São essas mesmas estratégias que revelam o funcionamento das vozes, entranhadas no texto através de aspas, de notas de rodapé, de es-

pecificidades do vocabulário e até mesmo de reticências. Veremos a seguir como Authier-Revuz (1991) descreve essas estratégias de interdiscursividade.

Authier-Revuz caracteriza quatro formas de não-coincidência do discurso que são possíveis de ser mapeadas no processo irônico. A primeira dessas formas é caracterizada como não-coincidência interlocutiva que se dá entre enunciador e destinatário. A autora localiza este fenômeno nas diferentes formas de comentários que representam o fato de uma palavra, uma maneira de dizer, não ser partilhada pelos dois protagonistas de uma enunciação, fato esse que constitui uma ameaça à interação.

Bakhtin já havia levantado esse tipo de perspectiva sem, porém, oferecer exemplos concretos. Authier-Revuz conduziu um levantamento detalhado onde cita um grande número de exemplos do tipo "X, compreende...", "digamos X"; "X, se você desejar", "X, se você percebe o que eu quero dizer", "X, mesmo sabendo que você não gosta da palavra". Parece-nos plausível transportar essa estratégia para uma dimensão mais ampla que, sem excluir essas formas linguísticas precisas, apresenta-se como um processo global e fundamental na constituição da ironia.

A interação enunciador-enunciário assume no processo discursivo irônico uma particularidade específica. Segundo Brait, essa particularidade consiste no fato de o enunciário ser, necessariamente, previsto, ser instaurado na e pela enunciação, tal qual o enunciador e, como tal, funcionar como "enunciador intérprete" (1996, p. 109). Dessa forma, a não-coincidência interlocutiva existente entre enunciador e enunciário vai sendo costurada como forma de constituição da convivência, o que leva o discurso irônico a construir e articular de maneira especial o enunciador, o já-dito e o enunciário.

A ironia constitui um modo de conciliação de subjetividades, se levarmos em consideração a interação enunciador-enunciário, uma vez que o enunciador da ironia supõe seu auditório capaz de reconstruir convenientemente e consecutivamente a citação e a contestação. O discurso irônico é um dos que mais envolve, mais convida e exige que seu enunciário elabore uma construção interpretativa complexa, sobre a base de uma confiança postulada por E¹ [enunciador irônico]. Ocorre então uma certa convivência, uma solidariedade implícita entre o enunciador e enunciário.

É possível constatar a presença de outros discursos dentro do discurso irônico, obtida através das diferentes formas de integração do já-dito, e mesmo as maneiras de chamar a atenção para elas ou de disfarçá-las, são formas não apenas de constituição textual, mas de produção do destinatário, ouvinte ou leitor. Ao configurar

rupturas sintagmáticas, essas formas se integram de forma ambígua como forma de menção para contestar determinados universos de crença e determinadas formações discursivas. Assim sendo, a vítima da ironia é designada por um portador coletivo de um saber cultural estereotipado, assim como as formas do discurso adotado prevêem e convocam um leitor cúmplice e particularmente ativo que tem capacidade de, ao mesmo tempo, identificar os universos de valores encenados e de participar de seu distanciamento.

Authier-Revuz denomina o segundo tipo de não-coincidência de não-coincidência do discurso consigo mesmo. Conforme a autora coloca:

[...] essa não-coincidência diz respeito aos comentários que assinalam no discurso a presença estrangeira de palavras marcadas como pertencentes a um outro discurso, e que, através de todo um leque de relações com o outro – de acordo ou conflito – desenham no discurso o traçado relativo a uma 'interdiscursividade mostrada', a uma fronteira interior/exterior (1991, p. 147).

Os exemplos dessas formas citados por Authier-Revuz são: "para retomar as palavras de...", "como se diz lá, nesse meio, em tal tipo de discurso", "X, no sentido que lhe dá o discurso feminista", ou "X, mas não no sentido dado pelo discurso feminista", etc. Também aqui a apropriação e a ampliação parecem pertinentes se ampliadas para a questão do interdiscurso irônico, na medida em que o sentido da presença de outros discursos, e mesmo das formas de apontar para eles, reside precisamente no complexo de valores dialógicos assumidos pela repetição.

Conforme colocado por Bakhtin, a atuação das diferentes formas de recuperação do já-dito, do exterior à enunciação em curso, funciona da mesma maneira que a atualização do signo em palavra. Em outras palavras, o signo é um elemento pertencente a um sistema, que tem um significado que vai ser identificado pelo conhecedor desse sistema. A palavra, por sua vez, é uma unidade de discurso que participa de uma dimensão diferente, na medida em que, contextualizada, atualiza de maneira particular o signo, exigindo do receptor a competência interpretativa, a compreensão, e não simplesmente a identificação. O mesmo se dá com as diferentes formas de recuperação do já-dito que, pertencendo a um determinado sistema, a uma determinada formação discursiva, vai ser identificado por um receptor que conhece esse sistema de referência que justamente é a primeira condição para que a ironia se realize. Além disso, o receptor compreende e interpreta esse sistema de referência num outro contexto, num outro discurso e essa vem a ser a segunda condição para a realização do efeito irônico.

A não-coincidência entre as palavras e as coisas é o terceiro tipo de não-coincidência designado por Authier-Revuz. Esse fenômeno coloca em jogo os "comentários representando as buscas, hesitações, fracassos, sucessos, [...] na produção da 'palavra justa', plenamente adequada à coisa" (Authier-Revuz, 1991, p. 147). A autora exemplifica esse tipo de não-coincidência com "X, por assim dizer", "X, maneira de dizer", "como dizer?", "como direi", "X, não há outra palavra", etc. Como nos dois primeiros casos, além dessas formas marcadas, é possível ampliar essa estratégia para a estruturação do discurso irônico. Quando um narrador insiste em interpor incisos ao que está sendo narrado, interrompendo a linearidade sintagmática para apontar para a maneira como está atento à pertinência existente entre o que está sendo narrado e a forma de narrar, certamente ele poderá fazê-lo de forma a atrair a atenção do leitor para a enunciação. Essa poderá ser uma forma de ironizar, por exemplo, a ilusão desse narrador sobre seu domínio, seu controle da relação existente entre as palavras e as coisas.

A não-coincidência das palavras com elas mesmas, que aparece nos "comentários que designam sob o modo da rejeição (por especificação de um sentido) ou ao contrário sob o modo da aceitação (pela integração ao sentido) de fatos de polissemia, de homonímia, trocadilhos, etc., é a última e quarta forma de não-coincidência. Essas formas podem ser exemplificadas por: "X, no sentido próprio", "X, no sentido figurado", "X, nos dois sentidos", "X, em todos os sentidos da palavra", "X, é o caso de dizer", "X, se ousar dizer", etc. O processo irônico nesse caso parece sintetizar essa não-coincidência na medida em que, mesmo não oferecendo comentários que designem a sua rejeição ou aceitação, a dupla enunciação da ironia espelha esse processo e exige sua percepção por parte do enunciatário. Num texto mais longo, como a página de um jornal ou mesmo uma narrativa literária, essas estratégias podem aparecer para estabelecer confluência discursivas e, ao mesmo tempo, diferenciá-las. Essa perspectiva possibilita dimensionar a ironia não como uma simples figura de linguagem, um desvio ou um enfeite, mas como um aspecto constitutivo e, ao mesmo tempo, fundador do discurso. Assim sendo, como elemento estruturador do todo narrativo, do todo discursivo, a ironia articula-se com a citatividade para conjugar vários mecanismos, pôr a mostra o processo de nominalização, ou seja, expor o que está realmente em jogo, configurando, sob a máscara da argumentação indireta, um ponto de vista crítico. Nesse sentido, é a par ironia-criatividade, incluindo o intertexto e o interdiscurso, que permite descrever a atividade da linguagem e suas formas de funcionamento.

4 Conclusão

As abordagens semânticas tradicionais e as soluções oferecidas pela pragmática (Grice, Sperber e Wilson) não são suficientes para dar conta do fenômeno da ironia, pois, apesar de sugerirem que se considere o caráter interdiscursivo do fenômeno, não diferem da visão tradicional de ironia, ou seja, a de que o enunciador, ao produzir um enunciado irônico, tem a intenção de significar o oposto do que foi literalmente dito.

A noção da ironia vista em perspectiva de interdiscurso, baseada na abordagem de Authier-Revuz se apresenta como opção para a visão clássica que fundamenta o processo irônico na lógica dos contrários ou na visão pragmática que coloca a tensão entre o literal e o figurado como o problema central a ser resolvido. Segundo o modelo de heterogeneidade do discurso é possível abordar a ironia através da relação entre enunciador e objeto de ironia e entre o enunciador e o enunciatário.

A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados, o que de imediato torna isomorfa a cisão constitutiva da ironia e a cisão constitutiva do sujeito e de seu produtor. Naturalmente, essa é uma das dimensões que particularizam a ambigüidade irônica e a tornam constitutiva.

Referências

- Authier-Revuz, Jacqueline. *Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive*. DRLAV, n. 26, 1982.
- . *Hétérogénéité et ruptures; quelques repères dans le champ énonciatif*. In: PARRET, Herman. *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1991.
- Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- Berrendonner, Alain. *Éléments de pragmatique linguistique*. Paris: Minuit, 1981.
- Brait, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Unicamp, 1996.
- Grice, P. *Logic and conversation*. In: COLE; MORGAN, 1975, p. 41-58.
- . *Further notes on logic and conversation*. In: COLE, 1978, p. 113-28.
- Sperber, D.; Wilson, D. *Irony and the use-mention distinction*. In: COLE, 1981, p. 295-318.